



3735 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT08 - Formação de Professores

NOTA CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Di Paula Prado Calazans - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Juliana da Silva Moura - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Claudio Pinto Nunes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

RESUMO

Este estudo constitui-se em uma revisão de literatura que se propõe a analisar a concepção de formação docente no contexto da educação brasileira contemporânea. A proposta de formação como um contraponto à hegemonia do capital deve ser pensada em uma perspectiva de formação humana, enfatizando conhecimentos teóricos no intuito de elevar a capacidade de reflexão crítica, com vistas à transformação da sociedade.

Palavras-chave: Formação docente. Educação contemporânea. Hegemonia do capital.

NOTA CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

RESUMO: Este estudo constitui-se em uma revisão de literatura em que se pretende realizar uma análise crítica sobre a concepção de formação docente no contexto da educação brasileira contemporânea. A proposta de formação vista como um contraponto à hegemonia do capital deve ser pensada em uma perspectiva de formação humana, além de enfatizar conhecimentos teóricos no intuito de elevar a capacidade de reflexão crítica, com vistas à transformação da sociedade.

Palavras-chave: Formação docente. Educação contemporânea. Hegemonia do capital.

Introdução

A problematização da formação de professores é reconhecidamente uma questão que envolve múltiplas dimensões e merece atenção e análise, sobretudo em tempos de instabilidade política e econômica na qual presenciamos ataques e retrocessos quanto aos direitos já conquistados pela agenda educacional e, conseqüentemente, pela categoria docente.

Frente a esse cenário, que pode intensificar o déficit educacional em nosso país, pretende-se analisar sob quais condições se processa a formação de professores na sociedade contemporânea, especificamente com vistas a identificar qual a concepção de formação docente que é influenciada pela conjuntura atual da sociedade brasileira, apresentando-a como uma possibilidade de contraponto à hegemonia do capital.

Martins (2010, p. 14) concebe a formação de professores como uma “trajetória de formação de indivíduos, intencionalmente planejada, para efetivação de determinada prática social”. E acrescenta que “nenhuma formação pode ser analisada senão na complexa trama social da qual faz parte”. Nesse sentido, a prática em análise, não se refere a sujeitos isolados, mas à prática de um conjunto de sujeitos, inseridos em uma dinâmica social, em um determinado momento histórico, que não podem desconsiderar a luta pela superação das condições arbitrárias que lhe são impostas.

Este estudo se constituiu por meio de uma revisão de literatura realizada em uma abordagem qualitativa, embasada em referenciais teóricos que abordam a formação de professores e colaboram para uma compreensão mais aprofundada do contexto que ora vivenciamos com a formação docente no Brasil.

A concepção de formação docente na sociedade brasileira contemporânea

A discussão em relação à formação de professores é, hoje, uma das problemáticas centrais para o processo educativo, tendo em vista a necessidade de reflexão e compromisso com a formação e desenvolvimento docente. Apesar da existência de diversos programas e ações referentes à qualificação dos profissionais da educação, as dificuldades relacionadas à qualidade da oferta indicam que, provavelmente, a formação oferecida ainda está aquém das necessidades do sistema educativo brasileiro.

Ao relacionar a formação com a atividade produtiva, Martins (2010, p. 8) salienta que:

Um dos maiores legados do século XX para a formação de professores foi o acirramento de sua subserviência às demandas hegemônicas do capital. No âmbito educacional isso é letal, posto que o produto do trabalho educativo deve ser a humanização dos indivíduos, que, por sua vez, só pode ocorrer pela mediação da própria humanidade dos professores.

Ou seja, todo o legado da formação docente, é justamente direcionado à formação dentro dessa perspectiva de que o professor é um mero reproduzidor da hegemonia capitalista, e como tal, reproduz o que é necessário para a manutenção da ordem do capital. Caso esse processo não seja contido, a tendência é que essa sujeição aos ditames do capitalismo continue avançando, e conseqüentemente intensificando as

contradições, próprias da sociedade capitalista, e trazendo muitos prejuízos aos profissionais docentes e à educação escolar.

A esse respeito, Taffarel (2015, p. 254) argumenta que “como vivemos no modo de produção capitalista, as relações estabelecidas na formação e atuação profissionais são dentro da lógica do capital em que o trabalho encontra-se subsumido ao capital”, no qual a formação dos trabalhadores está voltada para o desenvolvimento de habilidades e competências para o resultado e para o mercado.

Por sua vez, Martins (2010, p. 29-30) questiona as possibilidades de formação docente que aparecem nos marcos legais, por meio da utilização de estratégias incertas e duvidosas, como a modalidade de Ensino a Distância (EAD). Sem desconsiderar a relevância das novas tecnologias da informação e comunicação, a autora pondera sobre a flexibilização na formação inicial que acontece distante da prática escolar, não valoriza esses profissionais, e não atende a necessidade de uma formação sólida, exigida pela complexidade do exercício da docência. E acrescenta “tais condições não são naturais, não existem por acaso, mas atendem a uma ordem de fatores econômicos e sociais e a claros interesses de classe, no que se inclui o vasto filão de mercado que se abre para os empresários da educação”.

Essa é mais uma proposta preconizada pelos reformadores empresariais da educação, cuja concepção de modelo educacional está inserida na logicidade da sociedade capitalista. Por esse caminho vemos a formação docente, submeter-se aos empresários da educação, que propõem práticas aligeiradas e descontextualizadas de formação inicial de professores. (MARTINS, 2010).

Conforme Fiorese (2014, p. 1), “nas últimas décadas a formação tem sido norteada pelo descarte da teoria, da objetividade e da racionalidade, expressos na desqualificação dos conhecimentos clássicos, universais”. Nesse sentido, é preciso propor uma formação com uma base teórica, acessar categorias e conceitos, pois não dá para pensar a formação de professores sem a possibilidade de analisar criticamente a educação e a sociedade, no intuito de transformá-las.

Sob o prisma contraditório do capital, Taffarel (2015, p. 271) salienta que as conformações da classe trabalhadora não são predominantes no Brasil, mas sim, os arranjos da classe que detém os meios de produção, no qual “surgem obstáculos e empecilhos que muitas vezes inviabilizam a implementação de programas e projetos nesta base. É a luta e disputa dos rumos da formação humana o que requer uma consistente base teórica e muita determinação política”. Assim, vivemos em uma sociedade de classes, cujas pessoas, projetos e políticas são pensadas nessa lógica, o que exige um posicionamento consistente na defesa da formação profissional dos trabalhadores.

Em diálogo com esse debate, Duarte (2010, p. 34) discorre sobre a falta de perspectiva de superação da sociedade capitalista encontrada nas pedagogias contemporâneas, que, aliadas à uma visão idealista de educação, acreditam ser possível resolver as questões sociais sem a suplantação dessa forma de arranjo da sociedade:

Um primeiro aspecto comum a essas pedagogias é a ausência da perspectiva de superação da sociedade capitalista, o qual está associado a uma concepção idealista das relações entre educação e sociedade. Ainda que, em trabalhos de alguns defensores dessas pedagogias, existam momentos de crítica a certos aspectos da sociedade capitalista, como às políticas neoliberais em educação, tais críticas acabam sendo neutralizadas pela crença na possibilidade de resolução dos problemas sociais sem a superação radical da atual forma de organização da sociedade, a qual tem como centro dinâmico a lógica de reprodução do capital.

Nesse sentido, não é possível a educação transformadora, sem a superação da atual forma de organização da sociedade, sem atingir o âmago da questão. Para Duarte (2010, p. 48) “é necessário superar a educação escolar em suas formas burguesas sem negar a importância da transmissão, pela escola, dos conhecimentos mais desenvolvidos que já tenham sido produzidos pela humanidade”. De modo geral, trata-se de superar a concepção burguesa de sociedade, mas sem desconsiderar o conhecimento universal.

Sobre a influência das teorias pedagógicas contemporâneas na formação docente, Duarte (2010, p. 20) argumenta sobre a necessidade de promover um conhecimento que revele a que sociedade serve, e questione a realidade que está posta:

[...] urge a proposição de um modelo de formação alternativo, no qual a construção de conhecimentos se coloque a serviço do desvelamento da prática social, apto a promover o questionamento da realidade fetichizada e alienada que se impõe aos indivíduos. Que supere, em definitivo, os princípios que na atualidade têm norteado a formação escolar, em especial a formação de professores.

Nesse ponto de vista, a formação deve abordar conhecimentos no intuito de elevar a capacidade de reflexão crítica, que exponha a realidade e promova o questionamento das práticas e propostas pedagógicas que são impostas a esses profissionais. E podem levar a uma descaracterização e desvalorização do trabalho do professor, visto que muitas pesquisas e estudos sobre a temática não analisam criticamente o impacto negativo dessas teorias na formação e no trabalho docente, o que leva à naturalização da alienação desse profissional.

Formação docente: contraponto à hegemonia do capital

Frente ao discurso educacional hegemônico, Duarte (2010, p. 84) esclarece que a escola não está destinada a reproduzir toda a estrutura hierárquica de exploração da sociedade capitalista. Ao contrário, o fato de ser resultado da sociedade capitalista não impede que nela também se desenvolvam aspectos diferenciados que influenciam na superação da hegemonia do capital, pela própria função social que essa escola desempenha na sociedade.

Deste modo, a formação docente, no cenário atual, deve se basear em uma proposta de formação “de um intelectual de novo tipo, adequado ao desenvolvimento das formas reais da vida contemporânea, capacitado técnica e politicamente para decodificar os avanços verificados no mundo do trabalho e na sociabilidade no atual patamar de desenvolvimento do capital” (MACEDO, 2000, p. 13).

Face ao exposto, ressalta-se a necessidade de ser estudada nos cursos de formação de professores a Pedagogia Histórico-Crítica, que é um método pedagógico que atua no movimento histórico e parte da prática social em que estão inseridos os sujeitos, enquanto teoria que explica as relações do processo educativo, um saber que não pode ser negado como teoria e lógica do conhecimento.

A esse respeito, Saviani (2008, p. 24-25) afirma que a fundamentação teórica desta pedagogia levando-se em conta “os elementos filosóficos, históricos, econômicos, políticos e sociais, é norteada pelos princípios preconizados por Marx ao analisar as condições históricas de produção da existência humana que resultaram na forma da sociedade atual dominada pelo capital”.

Por seu lado, Martins (2010, p. 15) argumenta que o principal objetivo da educação escolar encontra-se na “transformação das pessoas em direção a um ideal humano superior, na criação das forças vivas imprescindíveis à ação criadora, para que seja, de fato, transformadora, tanto dos próprios indivíduos quanto das condições objetivas que sustentam sua existência social”. Nesse entendimento, não se refere à concepção liberal de humanização, no qual o sujeito aparece alheio às circunstâncias concretas de sua existência, mas trata-se de um processo relativo à produção e reprodução em cada indivíduo do conhecimento histórico adquirido pela humanidade, do qual os professores não podem estar alienados.

Diante disso, destaca-se a necessidade de formação adequada para essa categoria de trabalhadores, que implica, além da aquisição de conhecimento, a determinação política para tomar uma posição de classe, e o enfrentamento das condições de trabalho do modo de produção capitalista com vistas à sua superação, uma vez que esta não ocorrerá à margem da crítica radical a essa forma de organização social.

Conclusão

Tendo em vista o contexto capitalista que vivenciamos, é um desafio pensar na luta em prol de uma educação de qualidade, pois estamos na mira de possíveis ataques à educação pública e aos profissionais da educação, visto que presenciamos diversos embates, recuos, propostas de cortes orçamentários e reformas educacionais alheias aos interesses da comunidade acadêmica. Quando a classe dominante percebe que a educação pode ser usada para questionar o sistema, intensificam ainda mais, os retrocessos e as proposições de sucateamento e precarização da educação.

No intuito de manter a hegemonia do capital, a lógica preponderante é preservar a exploração do outro, a alienação, e a formação do trabalhador submisso e, a esse modelo, corresponde uma educação, uma concepção de formação. Deste modo, a educação é utilizada como mecanismo para atender o projeto de sociedade de uma determinada ordem social.

Portanto, superar a concepção de formação hoje posta aos docentes deve ser um propósito a ser alcançado, uma vez que, nesse modelo centrado no capital, prevalece a formação da adequação do trabalho ao capital: em que o capital vale mais, o trabalho e o trabalhador valem menos.

No esteio dessa prerrogativa, o debate atual sobre a problemática educativa no país quanto à formação docente deve abordar o conhecimento que promova o questionamento da realidade, a crítica às situações produzidas pela sociedade capitalista e possibilite a superação das relações de dominação, da lógica de reprodução do capital, com vistas à emancipação e formação humana desses profissionais.

À vista disso, a formação de professores na ótica de um projeto que se contrapõe ao capital, deve ser pensada em uma concepção de formação humana, do ser social, configurando-se como um desafio para a formação de educadores inseridos em um cenário excludente e desigual.

Referências

DUARTE, Newton. **O debate contemporâneo sobre as teorias pedagógicas**. In: ____ Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias. Lígia Márcia Martins, Newton Duarte (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FIORESE, Gilmar. **Formação de professores no Brasil: algumas alternativas**. Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores. EdUECE- UFPL/UNIOESTE, 2014.

MACEDO, Elizabeth. **Formação de Professores e Diretrizes Curriculares Nacionais** para onde caminha a educação? In: Reunião Anual da ANPEd, XXIII, Caxambu (MG), Set./2000. Anais. Caxambu (MG): Microservice, 2000. CD-Rom. 13 p.

MARTINS, Lígia Márcia. **O legado do século XX para a formação de professores**. In: ____ Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias. Lígia Márcia Martins, Newton Duarte (orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Teorias pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil**. Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste. Campus de Foz do Iguaçu. v. 10, nº 2. p. 11-28. 2º semestre de 2008.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Pedagogia Histórico-Crítica**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 7, n. 1, p. 253-285, jun. 2015.